

África quer indenização por escravidão

CLÓVIS MARQUES

Os judeus escravizados ou espoliados na Europa têm recebido indenizações. Os japoneses ilegalmente trancafados nos Estados Unidos na Segunda Guerra, indenizações e pedidos de perdão. A Austrália desculpou-se com seus aborígenes pelo rolo compressor colonial. É agora a vez de os descendentes dos negros traficados e escravizados nas Américas durante mais de 400 anos buscarem reparação histórica e econômica – movimento que ganhará entre os dias 31 de agosto e 7 de setembro, em Durban, na África do Sul, uma daquelas vitrines em que a ONU se especializa: uma megaconferência internacional.

A Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e a Intolerância promete desde as etapas preparatórias ser ao mesmo tempo uma arena de luta declarada e uma caixa de ressonância para declarações de boas intenções nem sempre efetivas. Já os encontros equivalentes de 1978 e 1983 foram marcados pelos confrontos em torno do sionismo e do apartheid, e pela ausência dos Estados Unidos. A resolução de 1975 considerando o sionismo uma forma de racismo, que motivara a ausência americana, foi derrubada em 1991 pela Assembléia Geral da ONU. Mas o fantasma voltou a circular.

Desta vez os países árabes insistem em equiparar a repressão aos palestinos em territórios ocupados por Israel a uma forma de racismo. Mas não é este o único motivo para o descontentamento americano (e europeu) com o que pode acontecer em Durban: a campanha africana pelo reconhecimento internacional do tráfico e da escravização de negros como crime contra a humanidade, para abrir as portas “à reparação e à reconciliação entre os povos”, tem potencial de incômodo proporcional à gravidade dos fatos.

Reconciliação – Se todos a reconhecem, o problema é como lidar com as consequências. À frente da campanha estão governos africanos e algumas dezenas de ONGs que em junho lançaram no Senegal a Iniciativa de Gorée, referência à ilha senegalesa que por sua posição geográfica, mais próxima das Américas, foi um porto privilegiado do tráfico negreiro. Lideradas pelo ex-presidente argelino Ahmed Ben Bella, elas não exigem apenas a “anulação da dívida multissecular do Norte com o continente” africano e a caracterização do escravagis-

AFP – Pretória, 16/8/01

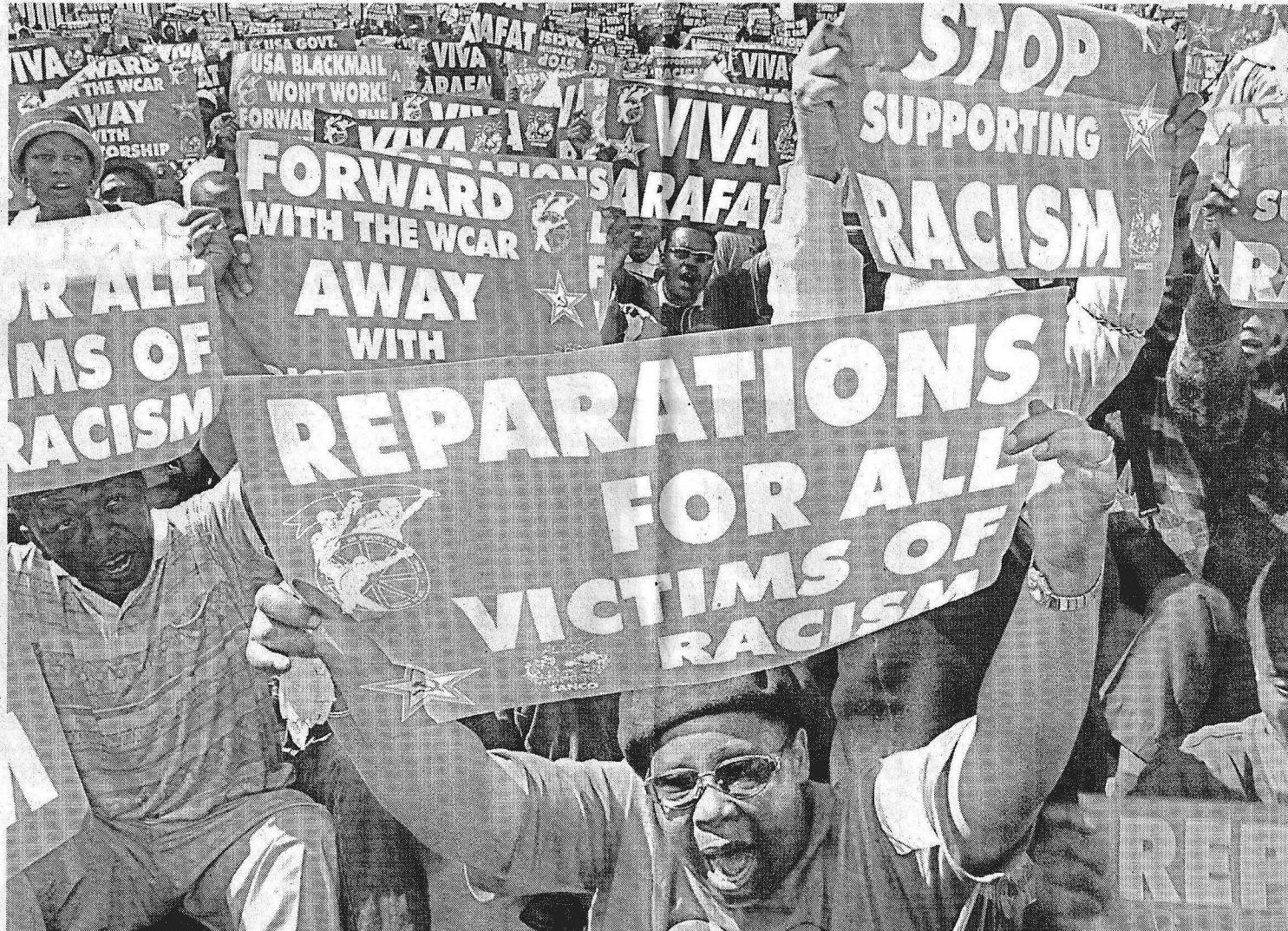
mo como crime contra a humanidade – com a consequente indemnização.

Mais que indenizações pecuniárias altamente problemáticas a países ou descendentes, governos e ONGs africanos propõem perdão da dívida, ajuda ao desenvolvimento e à educação, devolução de obras artísticas, documentos e artefatos históricos levados pelos colonizadores. Criticam ainda – como frisou a ex-ministra da Cultura do Mali Aminata Traoré numa das reuniões preparatórias, em Genebra – uma globalização que admite a livre circulação de mercadorias e capitais, mas não a de pessoas em busca de trabalho.

Os próprios países africanos, entretanto, estão divididos: se alguns, como Gana e Nigéria, estão entre os maximalistas da indenização, o presidente do Senegal fez saber que considera a ideia "não só absurda como insultante".

Pesar – Os países brancos não querem ouvir falar de crime contra a humanidade – embora em maio a Assembléia Nacional francesa tenha aprovado lei adotando esta qualificação e exortando o governo a promovê-la no Conselho da Europa e na ONU. Não faltam argumentos esdrúxulos, adiantados por diplomatas europeus – como os de que a Europa não inventou a escravidão (mas sim o tráfico, lembra Ben Bella) nem praticou o tráfico sozinha, mas com ajuda de árabes e até de negros. Em sua proposta de texto para adoção em Durban, a União Européia limita-se a condenar o tráfico e manifestar “pesar pelo profundo sofrimento causado”.

Os Estados Unidos sequer admitem falar do assunto. E no entanto é nos EUA, com sua enorme população negra, que há mais tempo transcorre um debate sobre a *reparation* – desde que, após a Guerra Civil em 1865, fizeram-se promessas de cessão de terras “e uma mula” a escravos libertados, lembra ao **Jornal do Brasil**, em entrevista por telefone, de Washington, David Bositis, do Joint Center for Political and Economic Studies. É lá também que mais descrentes se mostram os próprios negros quanto a eventual reparação: “Os americanos em geral – brancos e negros – não têm a mente voltada para questões internacionais”, diz Bositis. “E a maioria dos negros americanos é politicamente sofisticada o bastante para saber que não haverá indenizações, a curto ou a médio prazo. E a longo prazo... bem a longo prazo um asteróide pode cair na Terra e destruir toda a população humana.”



Manifestantes sul-africanos exigem indenização para todas as vítimas do racismo: os Estados Unidos na berlinda mais uma vez



Crianças sul-africanas acendem velas em nome da tolerância

No calor da arena

Cerca de 20 chefes de Estado e governo, a maioria africanos, estarão presentes à conferência. Fidel Castro confirmou sua presença.

Os países africanos e várias dezenas de ONGs do continente querem que a escravidão e o tráfico negreiro sejam caracterizados como crimes contra a humanidade, em nome da reconciliação internacional e da

indenização dos povos vitimados.

A exemplo das dívidas contraídas, que, no direito internacional, devem ser pagas por gerações futuras, querem que os governos dos Estados que foram no passado escravagistas reconheçam sua responsabilidade pelos crimes cometidos por seus antecessores.

Denunciam também, além de

formas de discriminação contra negros e imigrantes em países europeus, os empecilhos à livre circulação global de trabalhadores, enquanto os capitais e produtos circulam livremente.

Os países da Liga Árabe batem pé pela qualificação dos atos de repressão de Israel nos territórios palestinos como manifestações de racismo. Israel e os Estados Unidos

não aceitam a discussão.

Os Estados Unidos afirmam que não comparecerão, mais uma vez, se persistir o empenho de equiparar o sionismo a uma forma de racismo e de tratar da questão das indemnizações à África.

A Índia não aceita a inclusão, na agenda, de debates sobre seu sistema de castas. O Nepal insiste